

O GÊNIO*

A MACHADO DE ASSIS¹

Qual vaga que murmura as vibrações harmônicas,
que vem² do alto-mar na voz da viração,
ao bardo de “Corina”³, “ao poeta das Crisálidas”,
saúda jubiloso o mais obscuro irmão.

Um gênio benfazejo existe sobre a terra,
que ao berço vem sorrir, – que à lousa vai chorar,
depois que a raça humana em triste exílio erra,
entre um éden perdido e um condenado lar.

5 É ele quem nos guarda em não curadas mágoas,
sem sombra a luz da fé, sem mancha o céu do amor;
bem como o astro rei, mesmo ao entrar nas águas,
dos templos doura a cruz, dos campos cora a flor.

10 É ele quem recolhe as ilusões queridas
que ali, aqui, além, desprende o coração;
assim da ventania as ondas sacudidas
destroços vêm trazer às praias da soidão,

Quem mais do que ele crente expelle⁴ o negro tédio
que as dores do descrente em lágrimas desfez? →

* Este poema foi publicado na SI (ano 9, n. 422, 10 jan. 1869, p. 3374-3375). A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda.

¹ Este poema foi dedicado a Machado de Assis por Luís de Alvarenga Peixoto. Sobre ele, diz Ubiratan Machado, no *Dicionário de Machado de Assis*: “Jornalista, poeta e historiador, Peixoto (Rio de Janeiro, 1836-Lisboa, 1876) foi um dos que se entusiasmaram com o talento do jovem Machado, seu companheiro de redação na *Semana Ilustrada*. No número 10 de janeiro de 1869 desta revista, onde colaborava com o pseudônimo de Luiz d’Alva, dedicou a Machado a poesia ‘O Gênio’, com os seguintes dizeres: ‘Qual vaga que murmura as vibrações harmônicas, / que vem do alto mar na voz da viração, / ao bardo de Corina, ao poeta das *Crisálidas*, / saúda jubiloso o mais obscuro irmão.’ Machado retribuiu a gentileza, oferecendo a Peixoto a poesia ‘Visão’, que figura em *Falenas*.” (MACHADO, 2008, p. 261-262)

² O verbo “vir”, nesta forma, concorda com “vaga”; poderia também concordar com vibrações harmônicas (e ser grafado “vêm”).

³ Em SI, não há aqui fechamento de aspas.

⁴ Em SI, palavra parcialmente ilegível [expel..], por defeito de impressão.

15 Se a mão do desespero escreve: – sem remédio!
Baixinho ele nos diz: – quem sabe?... eu sei? talvez!

E quando a loura Eva, um dia, por castigo,
ouvia arrependida as queixas do porvir,
o gênio benfazejo ao peito deu-lhe abrigo,
20 bebendo inspiração no seu triste sorrir.

Depois que do Éden puro a porta resplendente
fechou-se para a terra indigna de seu Deus,
ao homem desgraçado, ao povo impenitente,
aos sons de uma harpa d'ouro ele⁵ apontava os céus.

25 Colheu no paraíso as mais formosas flores
que o homem desde então jamais deveria ver,
e para aligeirar-lhe as lancinantes dores
nos areais da vida as faz⁶ reverdecer.

Seu lábio harmonioso enflora, dentro d'alma,
30 das crenças o fervor, do belo a adoração;⁷
na frente tem a luz imensa, infinda, calma,
que exalta o Criador no rei da criação.

Não pode, embora gênio, ouvir, ver o futuro,
mas lhe descobre o encanto e fala com fervor;
35 e sabe que harmonia ou sentimento puro
comovem: como o sul⁸ que faz tremer a flor.

Àquele que se algema aos elos da pobreza,
buscando no trabalho o seu minguado pão,
o gênio benfazejo oferta o que a riqueza
40 não dá; – sono tranquilo e paz no coração!

Quem pinta com mais graça a vida de uma aldeia,
seus dias de pesar, seus dias de prazer,
no monte o vivo sol, na várzea a lua cheia,
e à⁹ luz do pobre lar as graças da mulher?

45 Quem diz com mais verdade os olhos de ternura
que para a velha esposa o pobre ainda tem?
só vendo de sua alma a eterna formosura
que nunca há de murchar por mais que seja mãe!¹⁰

⁵ ele] ede (?) – em SI.

⁶ faz] f z – em SI. Poderia, também, ser “fez”.

⁷ Em SI, palavras de leitura duvidosa – “do belo a adoração” –, por defeito de impressão.

⁸ sul – vento que sopra dessa direção.

⁹ à] a – em SI.

¹⁰ Observe-se a rima “tem/mãe”, de caráter lusitano.

50 Do pobre desterrado, errante, e sem destino,
que pisa suspirando um solo estranho ao seu,
amigo que não mente, inspira ao peregrino
poemas de saudade à pátria que perdeu.

É ele quem, depois da noite tormentosa,
nos mostra o céu – azul, e adormecido – o mar;
55 é ele quem dá voz à riba silenciosa
que faz a ave gemer e a fonte suspirar.

Nos lábios do infeliz põe cantos de esperança
coa prece que se eleva ao trono do Senhor;
do amante atraído as dores abonança,
60 erguendo a alma ferida ao Deus do eterno amor.

No cárcere sombrio, assiste angustiado
à febre do remorso em que se estorce o réu;
e atira maldições ao cutelo apressado
que corta ao delinquente os passos para o céu,

65 É ele quem na mente exausta dos artistas
derrama nova força e aviva a gasta luz,
mostrando ao que fraqueja as imortais conquistas
do férvido trabalho, e o bem da sua cruz.

70 Qual ave cuidadosa afasta do seu ninho
o galho que molesta a implume geração,
o gênio benfazejo arranca o duro espinho
da dor que dilacera um nobre coração.

Amigo o mais fiel da ardente mocidade,
não morre coo verdor da idade que passou!
75 Farol de crença, aceso ao sol da eternidade,
um dia há de volver ao ingrato que o deixou!

Como a chuva do céu, que vem cair na serra,
em rios banha o campo, e volta após ao mar,
assim ele sem pátria e nome baixa à terra,
80 encanta a humanidade e ao céu torna a voltar.

Visão pura e celeste, imagem grande e bela,
que tens na fronte a luz, no lábio a voz dos céus,
serás sempre o fanal, a protetora estrela,
do coração que sente e põe crenças em Deus!

LUÍS d'ALVA

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

SI – *Semana Ilustrada*.

Referências

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

PEIXOTO, Luís de Alvarenga. [Luís d'Alva] O gênio. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 422, 10 jan. 1869, p. 3374-3375.